

Marcello Piacentini*

Marcos Tognon**

Pós-graduando em História da Arte e da Cultura no Depto. de História/IFCH - Unicamp. Professor da FAU-Pucc

Arquitetura fascista, arquitetura monumental, arquitetura acadêmica. É sob estes estigmas que a trilogia oficial sobre a arquitetura do século XX na Itália - Argan, Zevi e Benevolo - denomina a obra de Marcello Piacentini. Arquitetura de significados nulos, arquitetura de representação, de retorno à *Roma Imperial*, arquitetura que dentro da modernidade certamente estaria no sentido contrário da história. Esta é a arquitetura de Marcello Piacentini na apresentação dos nossos compêndios.

Com a publicação da tese de *Doutorado de Pesquisa* de Mario Lupano, da Universidade de Firenze, Piacentini ocupa um lugar que certamente permitirá análises sem o foco das preocupações e interesses ideológicos, de ter sido o maior arquiteto do período fascista. Trata-se de um trabalho monográfico, com uma abordagem de questões que segue a cronologia das obras mais importantes de Piacentini, informações bibliográficas e biográficas e, o mais relevante, uma primeira relação de obras produzidas entre 1896 e 1956. É neste aspecto, a primeira e mais completa publicação de informações contidas no Arquivo Piacentini.

A obra de Piacentini, como nos mostra Lupano, rapidamente escapa dos estigmas ideologicamente aplicados e passa para o curso de uma história muito negligenciada, da história que está se constituindo sobre a denominação de *Novecento*, trabalho de uma nova geração de historiadores. Essa história não é a antítese do movimento moderno, mas se filia a preocupações vindas também

do século XIX, de Camilo Sitte, de Charles Buls, de Joseph Stübben, entre outros. A história da obra de Piacentini é justamente a consciência e a vontade de não abandonar a história da arte, da arquitetura, da cidade.

A arquitetura do *Novecento*, com Muzio e depois Piacentini, tratara de entender todo o legado das cidades seculares italianas, *um organismo, entre história e natureza* (p. 28). A obra de Piacentini é a introdução da história da cidade como um fator importante, e talvez o mais determinante na realização do projeto de arquitetura. Esta preocupação fundamental da obra de Piacentini tem um nome: *Edilizia Cittadina*, i.e., a tradução italiana de *Städtebau*, e que para nós seria, com o auxílio de uma palavra-chave extra de uma tradução literal, a *arte de construir na cidade*. Uma busca da capacidade de resultados estéticos e técnicos - a arte, uma ação que revele a vontade de participação do contexto, da história - construir, e, um lugar onde todos os acontecimentos se situam, a intervenção atual, a história presente - a cidade. Destas *três consciências*, nasce a obra de Piacentini, e junto com ela uma posição do arquiteto como um profissional de responsabilidades cívicas, de trabalhos em corporações, de grupos de debates de idéias sobre a cidade.

Dos muitos exemplos de *inter-*

* LUPANO, Mario. *Marcello Piacentini*. Roma: Ed. Laterza. 218 p. (Coleção Gli Architetti).

** Resenha e tradução.

venções de Piacentini na cidade, do seu *ecletismo* intencional, já que quem estipula os parâmetros é o próprio contexto urbano, podemos passar para a atuação de Piacentini como editor-redator da principal revista italiana desse período: a revista *Architettura e Arti Decorative* e depois de 1932 apenas *Architettura*, órgão oficial do Sindicato Fascista dos Arquitetos. Divulgando idéias e acontecimentos, apresentando para os italianos Le Corbusier, as cidades norte-americanas e o seu crescimento liberal, as idéias de Viena e Paris, Piacentini realizou, a partir de sua revista, a primeira crítica sobre o racionalismo de origem francesa e que logo teria adeptos na Itália, como *Terragni* e *Gruppo 7*. Temos aqui o momento de maior discussão de idéias que ocorreu sobre o racionalismo em toda a Europa. Mario Lupano dedica um capítulo inteiro a essa questão, demonstrando a delicada situação de Piacentini, entre tradicionalistas e racionalistas, adotando ou abolindo os diversos componentes deste contexto, em função da arte de construir na cidade. Piacentini polemizou com conservadores como Ojetti, assim como conquistou inimigos ferozes como o dono de uma galeria de arte em Roma, defensor do racionalismo, anarquista e fascista chamado Pietro Maria Bardi.

Mario Lupano pertence àquela já referida geração de historiadores que começa a tecer a história da arquitetura do *Novecento*. O lançamento do seu livro na Itália no final do ano passado causou ainda duras críticas de grandes historiadores, como Bruno Zevi e Cesare de Seta. Afinal, o livro de Lupano saiu na coleção *Gli Architetti*, da Laterza, alinhando Piacentini ao lado de nomes ilustres como Adolf Loos, Auguste Perret, Hector Guimard, entre outros. Mas a urgência desse trabalho de restituir uma história muito negligenciada é maior. Ao lado desta monografia sobre Marcello Piacentini, temos, desde 1990, o primeiro volume da *Storia Moderna dell'Arte in Italia* da professora Paola Barocchi, uma das maiores historiadoras italianas, consagrada pelo

seu trabalho de curadoria de fontes primárias sobre arte. Esse primeiro volume contém justamente o período de 1925-1945.

A urgência de estudos sobre o *Novecento* também deve chegar ao Brasil, pois com a publicação de projetos e informações do arquivo Piacentini estão abertos muitos precedentes para o estudo das obras desse arquiteto que temos aqui, como a Mansão Matarazzo, na Avenida Paulista, o Edifício das IRFM (hoje Banespa no Vale do Anhangabaú) e os projetos frustrados para duas universidades. Além disto, interessa-nos muito entender as relações entre Piacentini e dois de seus melhores alunos da disciplina de *Edilizia Cittadina e Arte dei Giardini*, e que trabalharam posteriormente com o mestre, no começo da década de 20: Rino Levi e Gregori Warchavchik.

Superada as diatribes contra os racionalistas e tradicionalistas, Piacentini pôde com renovada força propor-se como o genitor de uma pacificação das tendências e intérprete de uma nova versão dos temas lingüísticos preferidos sempre por ele, e talvez numa direção mais acentuada para o clássico simplificado, despojado, maciço, obtido com a adoção do pilar e dos vãos esquadrados, antigos amores piacentinianos. Enquanto os tradicionalistas perseguem uma relação direta entre classicismo e arte oficial, Piacentini busca evitá-la, e através dos temas do coletivismo, do antiindividualismo, tenta corresponder ao espírito do tempo. Quer formentar a construção de um novo estilo, de uma nova linguagem, que nasce da pacificação: não quer adotar nenhum estilo já pronto ou predeterminado, porque a arquitetura deve ser inclusiva, em sintonia com os anos de consenso. (Lupano, p. 79).

Marcello Piacentini (1881-1960), romano, foi um dos arquitetos mais presentes na história da cultura artística italiana do período entre guerras. Inicialmente trabalhando com seu pai, um respeitável arquiteto na sociedade romana, torna-se responsável por importantes projetos como o Pavilhão da Itália na Exposição Universal de Bruxelas em 1910. Crítico militante a favor

do debate de idéias sobre a arquitetura e a cidade, atuou muito no jornal *Popolo Romano*, intensificando esta atividade em sua revista *Architettura e Arti Decorative*, fundada em 1921, e não deixando de participar das discussões em outros periódicos que surgiram como *Palladio*, *Dedalo* etc. Piacentini foi um dos membros que fundaram o primeiro curso de arquitetura regular italiano na *Scuola Superiore di Architettura di Roma*. Obteve vários cargos administrativos junto ao governo fascista de Mussolini, sempre responsável por concursos e a atuação profissional dos arquitetos. Polemizou com todas as tendências de arquitetura e escreveu *Architettura*

d'Oggi em 1930, fazendo um balanço crítico de toda a produção européia daquele período. Dirigiu, em 1931, equipes que desenvolveram projetos urbanísticos para Bergamo, Genova, Brescia, o bairro EUR, entre outros. Coordenou a equipe que realizou a Cidade Universitária de Roma em 1932, motivo pelo qual foi convidado em 1935, pelo governo de Getúlio Vargas para uma visita oficial ao Brasil para elaborar o projeto de uma universidade na capital do país. Mesmo não construindo este projeto, Piacentini manteve vínculos com o Brasil através dos encargos dados pela Família Matarazzo, construindo as poucas obras que fez fora da Itália.